



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM CONTEXTO HOSPITALAR

*Francy Sousa Rabelo
Maria José Albuquerque Santos*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência desenvolvida pelo Projeto de Extensão “Estudar, uma ação saudável: construindo uma pedagogia hospitalar” e sua relação com a disciplina de Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão. Discute-se sob o viés da Extensão Universitária, o papel do Estágio Supervisionado na formação do professor. As atividades foram desenvolvidas por alunos estagiários da Unidade Materno Infantil, no Hospital Universitário Presidente Dutra, no atendimento de cerca de 50 crianças/adolescentes com idade entre 2 e 15 anos. Adotando uma metodologia lúdica, os estagiários complementaram as atividades com conteúdos escolares que favoreceram a integração da criança ao ambiente hospitalar sem desvinculá-las do processo educativo, ao mesmo tempo que valorizaram espaços não formais para a atuação do pedagogo.

Palavras chave: Estágio Supervisionado. Extensão Universitária. Docência. Ambiente Hospitalar.

SUPERVISED INTERNSHIP IN CONTEXT AND EXTENSION UNIVERSITY HOSPITAL

ABSTRACT

The purpose of this work is to report the experience developed by the Extension Project - Studying, a healthy action: constructing hospital pedagogy and its relation to the Supervised Internship subject from the Pedagogy Course at the Federal University of Maranhão. The Supervised internship is discussed in terms of teacher development through University Extension Programs. The internship took place at the President Dutra University Hospital at the Children and Maternity unit, which receives about 50 children and adolescents aged 2 to 15 years old. The activities were developed through a creative methodology fulfilled with didactic contents. This has favored the children`s integration with the hospital environment without losing contact with the regular educational process. It has also valued informal environment for the performance of the Pedagogy professional.

Keywords: Supervised internship. University extension program. Teaching. Hospital environment.

PRÁCTICAS PRE-PROFESIONALES SUPERVISADAS Y EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN HOSPITALES

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo relatar la experiencia desarrollada por el Proyecto de Extensión Estudiar, una acción saludable: construyendo una pedagogía en hospitales y su relación con la asignatura Prácticas Pre-profesionales Supervisadas en el Curso de Pedagogía de la Universidad Federal de Maranhão. Se discute el papel de las Prácticas Pre-profesionales Supervisadas en la formación del profesor sobre el área de Extensión Universitaria. Las actividades fueron desarrolladas por los alumnos practicantes en el Hospital Universitario Presidente Dutra, Unidad Materno Infantil atendiendo cerca de 50 niños y adolescentes con edad entre 2 y 15 años, por medio de metodologías lúdicas sustentadas con contenidos escolares que favorecieron la integración de los niños en el ambiente del hospital sin desvincularse del proceso educativo, al mismo tiempo que valorizó los espacios no formales para la actuación del pedagogo.

Palabras-clave: Prácticas Pre-profesionales Supervisadas. Extensión universitaria. Docencia. Ambiente de hospital.

INTRODUÇÃO

As transformações econômicas e sociais que permeiam a sociedade atual permitem uma nova configuração profissional. A educação sistematizada, como parte desse processo, se dinamiza em contextos variados, tais como, empresas, hospitais, presídios, associações e outros espaços anteriormente considerados inadequados para ações educativas sistematizadas. Assim certas práticas educativas em espaços não-formais têm despertado em estudiosos um olhar para as ações pedagógicas cuja prioridade era anteriormente direcionada para a escola, mas que atualmente se estende para diversos contextos, como o hospital, por exemplo.

O processo de ensinar no hospital ainda é recente porque, para muitos, configura-se, como uma ação terapêutica. Há discussões infundáveis sobre a terminologia do ensino no hospital, se pedagogia hospitalar, classe hospitalar ou atendimento escolar hospitalar. Contudo, não se discute a respeito da nomenclatura de tais atendimentos, porém, enfoca-se o debate de que a criança e o adolescente em situação de internação têm possibilidades de aprender, considerando-o em suas necessidades especiais, ocasionando ao pedagogo, um planejamento com espaço e tempo flexíveis.

Este trabalho visa apresentar a experiência do Estágio Supervisionado em contexto hospitalar pelo viés da Extensão Universitária, sob o projeto de Extensão "Estudar, uma ação saudável: construindo uma pedagogia hospitalar" que possibilitou a relação entre ensino e extensão. Busca-se compreender o papel do Estágio na formação do professor, tendo como foco o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.

O trabalho da docência no hospital visa a proporcionar aos internados seu direito garantido através da Resolução nº 41 de 1995, CONANDA- Conselho Nacional dos

Direitos da Criança e do Adolescente ([BRASIL, 1995](#)), bem como abrir o leque de discussões sobre a atuação do pedagogo, o que vem valorizar novos campos de trabalho e promover no hospital um espaço de cidadania.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DE PROFESSOR

Muito se tem pesquisado, estudado e produzido no campo do estágio supervisionado, no entanto, ainda se configuram nos cursos de formação inicial de professores certas concepções, crenças e práticas embasadas em modelos aplicacionistas ou, simplesmente, como um espaço de treinamento para o estudante que simule seu futuro campo profissional.

A discussão sobre estágio supervisionado remonta a falar no par “teoria e prática”, que tem sido enfoque de debates no meio educacional, com grande preocupação na indissociabilidade entre aquilo que representa as duas palavras. Na linguagem educacional, elas parecem misturas heterogêneas e a “busca dos pontos de ligação é como a busca da pedra filosofal pelos alquimistas”. ([FELDIMAN, 2001, p. 25](#)).

Segundo [Feldiman](#), ainda, percebe-se que a ligação desse par de termos parece até impossível de se materializar em alguns contextos, mas que ela é necessária e precisa no âmbito da formação. É por isso que a relação entre teoria e prática tem norteado debates sobre a Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado, demonstrando que o ensino e a realidade ainda são vistos dissociadamente. Esses debates perduram desde a década de 1930, quando da criação dos cursos superiores de Licenciatura ([PICONEZ, 1991](#)) e têm sido foco de reformulações curriculares desses cursos.

Sabe-se que historicamente o estágio supervisionado acontecia no final do curso de Pedagogia, ocasionando um distanciamento entre teoria e prática, sem a possibilidade de reflexões sobre o futuro profissional da docência que não conseguia investigar questões específicas de sua área de conhecimento ou que não tinha condições de projetar seu trabalho para novas perspectivas de construção de saberes.

[Barreiro e Gebran](#) (2006, p. 20) destacam que, para superação desses problemas, é necessário que os cursos de formação pensem em

um projeto pedagógico articulado, com avaliações e redimensionamentos frequentes, de modo a assegurar ações mais comprometidas com o processo educativo e tornar o estágio curricular um componente fundamental na construção da identidade do professor, ultrapassando a visão tecnicista. ([BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 20](#))

Atualmente, vem sendo necessário redimensionar o estágio como espaço e tempo para as aprendizagens numa relação dialética entre alguém que já é profissional e o aluno-aprendiz, possibilitando, dessa maneira, a profissionalização do estagiário, pois o período de estágio também se configura como um espaço de construção da identidade docente.

Assim, o estágio torna-se como um local de reflexão não só da prática, mas daquilo que constitui o curso, ensino, alunos, escola e principalmente do ser professor. Segundo

[Barreiro e Gebran \(2006\)](#), a identidade docente é construída no decorrer do exercício da profissão, mas é na formação inicial que serão sedimentados todos os elementos necessários para a construção dessa identidade. Para [Pimenta \(2002\)](#), essa identidade é construída sobre duas vertentes, a epistemológica e a profissional. A primeira possui grandes grupos de saberes e a segunda, o saber da experiência que, a partir de suas vivências diárias, vai construindo um saber mais elaborado com o contexto da sala de aula.

Percebe-se, então, com essas autoras, que a formação inicial é o começo do exercício na constituição de ser professor, principalmente pelo percurso da pesquisa do *eu* e do *nós* ([FAZENDA, 1991](#)), pois para esta autora a identidade em processo formativo vai do individual ao coletivo.

A articulação entre teoria e prática no Estágio Supervisionado pressupõe práticas reflexivas, momentos permanentes de investigação, buscas de respostas a fenômenos e às contradições vigentes. Nesse sentido, como pensar o estágio sem pensar na comunidade que circunda sua prática? Como o ensinar pode ultrapassar muros escolares? Quais são os espaços de atuação do professor além da escola?

De acordo com [Gohn \(2005\)](#), esses espaços são múltiplos, e, criados ou recriados, constroem-se de acordo com os objetivos do grupo social que se organiza. Como exemplo, Gohn cita as associações de bairro, os movimentos sociais, as igrejas, sindicatos, partidos políticos, espaços culturais, ambientes com idosos, classes hospitalares, educação nos presídios, entre outros.

Em decorrência de sua estrutura curricular, que nem sempre atende as estas diversificações citadas nas Diretrizes Curriculares, a discussão da atuação do pedagogo em espaços não formais ainda é recente. A Resolução CNE/CP N° 1/2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura ratifica a ampla possibilidade de atuação do pedagogo quando diz que:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo Único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

IV – trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

XIII – participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;

([BRASIL, 2006, p.2](#)).

Sendo assim, considera-se necessário discutir a formação do pedagogo em espaços de educação não formal por meio do estágio supervisionado, uma vez que esse



procedimento, além de o aproximar da realidade de forma reflexiva e crítica, estabeleceu as conexões entre teoria e prática. E será ainda melhor se essa relação estabelecer-se pelo percurso da Extensão Universitária.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A extensão universitária ao longo da história das universidades brasileiras, principalmente das públicas, passou por vários matizes e diretrizes conceituais. Os debates entre os três pilares da Universidade, Ensino, Pesquisa e Extensão, destacam a necessidade de criar-se um elo entre essa instituição educativa e a sociedade, fazendo dessa relação um espaço privilegiado para a produção do conhecimento.

O histórico da extensão universitária não será enfoque desta discussão, mas a relação da extensão com o ensino, tendo como base o estágio supervisionado no Curso de Pedagogia da UFMA.

O processo de ensinar, não consiste apenas em transferir conhecimentos, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” ([FREIRE, 1996, p.23](#)). Em relação ao Estágio, pensa-se no ensinar como uma reflexão crítica sobre a prática que deve cumprir uma função social e fundamentar-se nas concepções de homem, de educação e de sociedade. Dessa forma, ensinar exige intencionalidade, não em uma perspectiva pragmática, mas dialética, pois é preciso analisar e criticar a integração que permeia as relações entre professor, ensino e aluno, no conjunto formado por educação e sociedade, teoria e prática, ensino e aprendizagem.

A reflexão em torno desses pares traz à tona o papel da Universidade em seus cursos de formação de professores: o estágio supervisionado é visto sob esta ótica? Ou apenas se o considera um cumpridor de uma etapa do curso de formação?

É com esse olhar que se deve buscar a relação entre ensino e extensão, considerando-se as problemáticas existentes e levando-se em conta o processo educativo como uma prática social.

Neste trabalho analisam-se as práticas de extensão a partir do diálogo que se estabelece com o pensamento freiriano em seu trabalho “Extensão ou Comunicação” ([FREIRE, 2006](#)), uma crítica ao processo verticalizado da extensão, que “coisifica” o homem porque desconhece sua cultura e saber popular. Como pensar em compromisso sem pensar a história do outro? Mas foi justamente o que se deu com a Extensão, que por muito tempo foi vista de forma unilateral como prática do assistencialismo e voluntarismo. Graças à sintonia com o pensamento de Freire, esse discurso tem perdido espaço para o movimento da troca de saberes, da releitura de homem-sociedade dentro de uma perspectiva sócio-cultural e na relação consciência/mundo.

Esse debate se fortaleceu nos movimentos que surgiram a partir da década de 80, a exemplo da instalação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, com a discussão conceitual de Extensão Universitária. A partir de então, a Extensão passou a ser vista como o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade ([SERRANO, 2008](#)).

Com a implantação do Plano Nacional de Extensão, os eixos temáticos, como por exemplo, a atenção integral à criança, adolescente e idoso ganham prioridade. Assim, os programas e projetos de extensão têm valorizado os eixos temáticos dando prioridade as práticas voltadas ao atendimento social emergente.

Partindo-se do pressuposto de que a Educação é um processo que ocorre nos mais diferentes âmbitos da sociedade, e destacando a necessidade de formação de educadores para atuarem em diversos espaços, acredita-se que todas as formas de Educação possuem um aspecto relevante que é indiferente a todas. Elas atuam perante sujeitos sociais e históricos, fazendo parte de seu desenvolvimento. Sendo assim, o ambiente hospitalar transforma-se também em um ambiente educativo, legitimado por um direito da criança enferma já previsto na Resolução nº 41 de 1995, que determina ter ela o "Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar" ([BRASIL, 1995](#)).

Nesse sentido, é necessário fazer valer o direito da criança e adolescente em situação especial por intermédio de programas e projetos e alcançar o que estabelece o Plano Nacional de Extensão em relação a esses sujeitos.

O projeto de extensão "Estudar, uma ação Saudável" e o Estágio Supervisionado no Hospital Universitário Presidente Dutra

No Maranhão, o projeto de extensão "Estudar, uma ação saudável: construindo uma pedagogia hospitalar" foi idealizado pelo Núcleo de Humanização do Hospital Universitário Presidente Dutra - HUUFMA, que, em articulação com o Departamento de Educação I da Universidade Federal do Maranhão, teve sua aprovação pela Pró-Reitoria de Extensão em 2007. Esse projeto iniciou suas ações pedagógicas por meio do ensino nas disciplinas de Estágio Supervisionado em ambiente hospitalar com alunos do curso de Pedagogia da referida Universidade. O objetivo do projeto é não somente proporcionar às crianças e adolescentes seu direito já garantido em lei, além de auxiliar no seu desenvolvimento psicológico, intelectual, cultural, social e emocional, proporcionando-lhes uma recuperação mais rápida de sua saúde, mas também valorizar espaços não formais para atuação do pedagogo.

A disciplina de Estágio Supervisionado iniciou-se no mês de março de 2010, com estudos sobre os fundamentos do estágio na formação do professor, seguida de discussões dos olhares sobre o ambiente hospitalar e visita ao campo de estágio. A possibilidade de estagiar no hospital, além de atender as solicitações do projeto, veio resolver um sério problema dos alunos do turno noturno: sem escolas com educação infantil no período noturno, fica inviável a oferta da disciplina "Docência em Educação Infantil", uma vez que os alunos dessa disciplina não têm um local específico, à noite, para atuarem. Com o estágio hospitalar, esses alunos exerceriam a prática de saberes docentes aos sábados na Unidade Materno Infantil do Hospital Universitário, que atende crianças e adolescentes de 2 a 15 anos.



Nesse hospital já existia uma sala de trabalho interdisciplinar, onde as crianças participavam de atividades lúdicas, mas que não funcionava como uma classe hospitalar, pois as classes hospitalares são ambientes próprios que possibilitam o acompanhamento educacional de crianças e jovens que necessitam de atendimento escolar diferenciado por se encontrarem em tratamento hospitalar ([BRASIL, 2002](#)) e devem ser acompanhadas pela Secretaria de Educação de seu Município. O projeto de extensão, aqui focado, desenvolve o atendimento escolar hospitalar na perspectiva da classe hospitalar contemporânea, pois

além de atender às necessidades pedagógico-educacionais da criança e do adolescente hospitalizados (necessidades provenientes de atenção integral ao seu crescimento e desenvolvimento), obedece aos fundamentos políticos da educação, isto é, ratifica o respeito aos princípios democráticos da igualdade, da liberdade e da valorização da dignidade humana. ([FONSECA; CECCIM, 1999, p. 31-2](#))

O processo de hospitalização depende de muitas variantes, como por exemplo, a doença da criança e seu quadro clínico. Além disso, deve-se atentar para dois dados muito específicos na rotina hospitalar: se, por um lado, as crianças têm idades variadas e, por isso, esse atendimento visa ao uso de uma metodologia necessariamente diferenciada e variada para o trabalho pedagógico; por outro lado, todos os dias crianças entram e saem das enfermarias pediátricas, isto é, algumas crianças necessitam um tempo mais longo de internação, enquanto outras, muitas vezes, passam pouco tempo no hospital.

As ações pedagógicas em relação ao ensino iniciaram-se na sala interdisciplinar e, posteriormente, alcançaram os leitos. Para não ser confundido com o profissional da saúde, o pedagogo-estagiário houve por se caracterizar de forma lúdica até sua aceitação pelas crianças junto aos leitos (Figura 1).



Figura 1. Atividades lúdicas desenvolvidas em ambiente hospitalar visando o aprendizado.



O ensino nos leitos atendia aos mesmos objetivos do ensino na sala, os conteúdos eram planejados e, com uso da ludicidade, as crianças e adolescentes eram envolvidos e participavam das atividades.

Todavia, vale ressaltar, o trabalho não deu resultados apenas relativos ao processo de escolarização: essas ações também proporcionaram um redimensionamento da rotina hospitalar e não só promoveram, por exemplo, o alívio de tensões, da ansiedade, entre outros, como também, cooperou para o desenvolvimento de *cidadãos* leitores (Figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3. Estagiários trabalhando no leito hospitalar com crianças no aprendizado da leitura, adaptando-se as condições do local.

Sendo assim, o planejamento em ambiente clínico precisou ser flexível, porque era necessário respeitar a criança/adolescente precisava ser respeitada em suas peculiaridades. Portanto, o trabalho desenvolvido pelos profissionais das diversas áreas (saúde, educação, assistência social), necessitava ser integrado, dinâmico, capaz de perceber as diferenças da rotina da internação pediátrica. Essas atividades aconteceram aos sábados, nos turnos matutino e vespertino e atenderam cerca de 50 crianças e adolescentes por mês.

A prática escolar em ambiente hospitalar, segundo [Fontes \(2002\)](#), possibilita desmistificar este ambiente, resignificando suas práticas e rotinas. Por exemplo, o medo da criança, que paralisa ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo em seu lugar, a intimidade com o espaço e a confiança naqueles que ali atuam. Além disso, todo esse processo possibilita a relação da criança com a escola lá fora e promove vínculos de amizade entre as próprias crianças que se envolvem no decorrer das atividades coletivas, como se vê nas imagens abaixo (Figuras 4 e 5).



Figuras 4 e 5. Atividades com jogos desenvolvidas pelos estagiários em ambiente hospitalar.

O processo formativo no hospital faz com que o professor humanize a sua prática docente, visto que sua preocupação central é o sujeito, ou seja, a situação em que ele se encontra, visando o compromisso com o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial. Todo esse cuidado favorece a aprendizagem da criança hospitalizada de modo bem peculiar.

Percebe-se então, uma atuação pedagógica diferenciada do profissional assim formado, pois ele não precisa se preocupar em eventualmente entender o tipo da instituição em que atuará; pelo contrário, com as habilidades próprias que a Pedagogia lhe proporciona, ele será capaz de rapidamente perceber as questões que o cercam e assim atuar em qualquer instituição. Quando um pedagogo entra no ambiente hospitalar não precisa saber especificamente questões que a Medicina responde, mas ele deve ser capaz de indicar os problemas que geram dificuldades nos mais variados processos de aprendizagem, além das ferramentas utilizadas para a resolução desse impasses. (GLORIA, 2005, p.92)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, diante do que foi exposto, e das reflexões feitas a respeito do Estágio Supervisionado e a Extensão Universitária, percebeu-se que essa relação acontece de forma dialógica no campo dos saberes docentes. Os espaços não formais, em especial o hospitalar têm possibilitado novos olhares sobre a atuação do pedagogo no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão e favorecem a integração entre ensino e extensão. A docência em contexto hospitalar ocorreu de março até o mês de julho de 2010, com um atendimento global de cerca de 250 crianças/adolescente, especialmente no desenvolvimento da leitura e da escrita. O aluno-estagiário que vivenciou tais ações percebeu o hospital como campo de direitos, principalmente, o da educação.

Atualmente, o projeto conta com 10 voluntários extensionistas, que além de propiciar ações pedagógicas no hospital, tem despertado inquietações acerca das problemáticas vivenciadas por tais alunos no ambiente hospitalar, possibilitando o

envolvimento com a pesquisa, que já tem resultado em defesas de monografias e apresentação de inúmeros trabalhos em eventos.

Os resultados encontrados na ação docente extensionista dos alunos no projeto foram a percepção de um ambiente mais acolhedor para a criança hospitalizada, produto das atividades lúdicas e desenvolvimento da aprendizagem, fazem essa criança vivenciar papéis outrora exercidos antes de sua internação, a exemplo, sua frequência na escola e sua relação com o ambiente educativo. Além, é claro, do redimensionamento da rotina hospitalar, que ultrapassa a dor das injeções e lhes injeta ânimo com o colorido das atividades educativas.

Outro aspecto positivo foi a atuação do aluno-estagiário, que não perdeu a identidade docente para a de recreador ou terapeuta. Na verdade, esse aluno-professor valorizou os aspectos cognitivos da criança e possibilitou-lhe aprender os conteúdos escolares, pois, apesar de faixas etárias diferenciadas, todos foram atendidos conforme os eixos temáticos dispostos nos Referenciais Curriculares da Educação Infantil e das disciplinas do Ensino Fundamental.

Este trabalho não se encerra aqui, mas continua em andamento no Hospital Universitário Materno Infantil, e a relação entre ensino, pesquisa e extensão vem se tornando cada vez mais crescente. Espera-se que as reflexões aqui iniciadas sirvam de provocações para novas inquietações de práticas de ensino e extensão visando a novos campos de atuação do professor.

REFERENCIAS

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.** São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 maio 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar, estratégias e orientações.** Brasília, DF, 2002. 35 p. Disponível em: <<http://portal.cec.gov.br/seesp/>>. Acesso em: 19 maio 2010.

_____. Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995/CONANDA. Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 out. 1995. Seção I, p.163/9-16320.

FAZENDA, I. O papel do estágio nos cursos de formação de professores. In: PICONEZ, S. C. B. (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** Campinas: Papyrus, 1991.



FELDIMAN, D. **Ajudar a ensinar: relações entre didática e ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FONSECA, E. S.; CECCIM, R. B. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional à criança e ao adolescente hospitalizados. **Revista Integração**, Brasília, DF, v. 9, n. 21, p. 31-40, 1999.

FONTES, R. S. A classe hospitalar e a inclusão da criança enferma na sala de aula regular. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 8, n.1, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Extensão e comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GLORIA, R. Novos rumos do ensino. **Diversa: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, ano 3,n.7, p. 92-93, jul. 2005.

GOHN, M. G. A. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2005.

PICONEZ, S. C. B. (Coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 1991.

PIMENTA, S. G. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. 2008. Disponível em:

<http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 15 maio 2010.